



Repercussões da Pandemia do novo Coronavírus nos Sujeitos Surdos

Francisca Silva de Alencar¹; Luana Alinny de Oliveira Albuquerque²; Jessica de Oliveira França³; Maira Oliveira Belforte⁴; Nicácia Souza Oliveira⁵; Ronny de Tarso Alves e Silva⁶

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar os impactos que a pandemia causou na vida dos surdos nos âmbitos sociais e psicológicos. Realizou-se uma pesquisa qualitativa tendo como instrumento a entrevista semiestruturada. A coleta dos dados ocorreu no período de janeiro a março de 2022. O número total da amostra foi de dez entrevistados. As entrevistas foram analisadas com base no método de análise de Bardin e distribuídas as falas principais em 4 categorias: perfil sociodemográfico; relações sociais; comunicação e impactos psicológicos. A partir da análise foi possível perceber que os a pandemia exacerbou a falta de acessibilidade que já existia na vida dos sujeitos surdos no âmbito profissional e pessoal, bem como dificultou as técnicas utilizadas para se comunicar, como por exemplo a leitura labial. Pode-se perceber que o fator “isolamento obrigatório” influenciou diretamente na qualidade de saúde mental e que as redes sociais tiveram papel essencial para manter as relações sociais durante o período de isolamento. Além disso, o estudo explana como a falta de comunicação dentro dos serviços de saúde influenciam diretamente na vida desses indivíduos, bem como na assistência prestada pelos profissionais de saúde. Espera-se que este estudo contribua para a reflexão de como a falta de comunicação pode acarretar experiências negativas e dolorosas e instigar os profissionais da área da saúde a buscarem formas de se comunicar de forma efetiva com pacientes surdo, visando a integralidade e a qualidade na assistência prestada a esse sujeito.

Palavras-chave: Impacto Psicossocial; Surdez; Covid-19;

¹ Enfermeira. Hospital Universitário Onofre Lopes - HUOL / Empresa Brasileira de Serviço Hospitalar - EBSEH. Contato: silvia.rami@hotmail.com;

² Enfermeira. Unibras de Juazeiro/BA. luana_alinny@hotmail.com;

³ Enfermeira. Unibras de Juazeiro/ BA. deca_petro@hotmail.com;

⁴ Enfermeira. Unibras de Juazeiro/BA. mairarso18@gmail.com

⁵ Maternidade Escola Assis Chateaubriand Coron Maternidade Escola Assis Chateaubriand- MEAC / Empresa Brasileira de Serviço Hospitalar – EBSEH. nicaciaoliveir@hotmail.com;

⁶ Bacharelado em Enfermagem - Faculdade Maurício de Nassau - Natal RN. Especialização em Gestão Hospitalar e de Serviços de Saúde - Faculdade Metropolitana de Ciências e Tecnologia - FAMEC/RN.mdetarsoalves@hotmail.com.

Repercussions of the new Coronavirus Pandemic on Deaf Subjects

Abstract: This article aims to address the impacts of the social pandemic on the lives of the deaf in the psychological and scope. A qualitative research was carried out using the semi-structured interview as an instrument. Data collection took place in March 2022 in March 2022. Total sample number was found in January. The profile interviews were based on Bardin's method of analysis and distributed as main statements in 4 categories: sociodemographic; social relationships; communication and psychological impacts. From the analysis, it was possible to perceive that the pandemic exacerbated the lack of accessibility that already existed in the lives of deaf subjects in the professional scope and as well as the techniques used to communicate, such as through lip reading. It can be seen that the “mandatory isolation” factor directly influenced the quality of mental health and that social networks played an essential role in maintaining social relationships during the period of isolation. In addition, they lack good communication within health services, such as lack of study within health services, as well as assistance in the lives of health professionals. It is hoped that this study will contribute to the reflection of how the lack of communication can contribute to the experience and instigate painful health professionals to communicate effectively to patients about health, offering comprehensiveness and quality. in the assistance provided to this subject.

Keywords: Psychosocial Impact; Deafness; Covid-19;

Introdução

A surdez é uma condição caracterizada pela perda da audição e pode ser classificada em leve, moderada, severa ou profunda. O grau de perda que o indivíduo apresentar é o que irá designar o tipo de surdez que o acomete (BRASIL, 2006). A definição de pessoa surda, segundo o Decreto nº 5.626/2005, é toda aquela que teve perda auditiva, independente do grau, e que faz uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras como sua forma de comunicação (BRASIL, 2005).

A trajetória de vida das pessoas surdas é marcada por indiferença e dificuldades que nem sempre são ligadas a sua condição. A sociedade estigmatizou a surdez e criou em volta dela uma áurea patológica, colocando o surdo como um indivíduo incapaz de pensar e agir por contra própria, todavia essa comunidade compartilha apenas de uma condição de linguagem diferente da oral e não se enxerga como “doentes”, sendo plenamente capazes de tomar as próprias atitudes e exercer seu direito à cidadania (VIANA, 2010).

No Brasil, as leis de inclusão social foram criadas para amenizar a segregação que por muitos anos ocorreu e que trouxe tanto impacto psicossocial a comunidade surda. A Lei nº 10.436/02 é conhecida como a “Lei da Libras”, isto é, ela reconhece a Libras como meio legal de comunicação sendo um marco importante para o fortalecimento dessa comunidade (BRASIL, 2002).

Pessoas surdas, em sua maioria, são prejudicadas devido à falta de conhecimento de pessoas oralizadas que não sabem Libras e tal dificuldade é percebida em locais ou grupos sociais no qual esses indivíduos se encontram inseridos. No âmbito da saúde, a assistência prestada por profissionais que não são qualificados gera no paciente surdo frustração resultando em uma menor procura desse indivíduos aos serviços de saúde e conseqüentemente a quebra da integralidade do cuidado (STEINBERG et al., 2006).

Atualmente, o mundo enfrenta uma pandemia causada pelo novo coronavírus, SARS-CoV-2. Esse novo vírus faz parte da família Coronaviridae, e é responsável por causar um quadro de infecção respiratória aguda que pode resultar em morte (BRASIL, 2020). Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou estado de pandemia e os meses consecutivos resultaram em uma série de novas adaptações com medidas preventivas em todo o mundo, sendo algumas dessas medidas instauradas de forma obrigatória: distanciamento social, confinamento em suas residências, medidas de higiene e uso de máscara passaram a ser parte da nova vida da população mundial (SOUZA et al., 2021).

O surdo percebe e compreende o mundo de forma visual. Alguns deles são oralizados, isto é, realizam leitura labial e até se expressam verbalmente (KRAUSE; KLEIN, 2015). Tal ponto é importante pois, com a chegada do novo coronavírus, além do isolamento e distanciamento social que impactou a vida de toda a sociedade, os surdos ainda tem o fator do mascaramento obrigatório como um instrumento a mais para dificultar uma plena ou aceitável comunicação (CHODOSH; WEINSTEIN; BLUSTEIN, 2020).

Partindo-se dessa perspectiva, que levantou-se a pergunta norteadora desse estudo: quais as repercussões causadas pela pandemia do COVID-19 no âmbito psicossocial do sujeito surdo?

A presente pesquisa se justifica com base no atual cenário mundial onde as medidas preventivas contra o COVID-19 ainda estão sendo mundialmente recomendadas. Nesse sentido, espera-se através desse estudo evidenciar os possíveis impactos e instigar os profissionais da área da saúde a buscarem formas de se comunicar de forma efetiva para continuidade e qualidade da assistência prestada.

Objetivos

O objetivo geral do presente estudo foi: Investigar as repercussões causados pela pandemia do COVID-19 no âmbito psicossocial do sujeito surdo.

Para isso, foi necessário o atendimento aos seguintes objetivos específicos:

- Conhecer os meios de comunicação adotados pela pessoa surda durante a pandemia do COVID-19 e suas respectivas efetividades;
- Descrever a concepção do paciente surdo sobre a compreensão e entendimento das informações transmitidas pelos meios de comunicação e por profissionais da saúde sobre a pandemia do COVID-19;
- Elencar os impactos psicológicos e sociais ao sujeito surdo durante a pandemia do COVID-19.

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal descritivo de cunho exploratório e abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa, possui característica de interpretar as falas e ações dos sujeitos da pesquisa e descrever toda a complexidade do discurso, validando a importância transmitida por eles das experiências vividas (MENDES, 2006). Nesse tipo de pesquisa, a melhor forma de se aproximar fielmente da perspectiva do sujeito estudado é através do contato direto, por meio de entrevista e observação no ambiente natural ao qual os atores da pesquisa estão inseridos (FERREIRA, 2015).

A coleta de dados ocorreu nos meses de janeiro à março de 2022, em Petrolina-PE. A cidade de Petrolina é situada às margens do Rio São Francisco. O município possui uma população estimada de 354.317 mil e um forte comércio de agricultura irrigada sendo reconhecido por ser um dos maiores exportadores de frutas do país (IBGE, 2020).

Os entrevistados foram 10 membros da Associação de Surdos de Petrolina – ASP. As técnicas de pesquisa utilizadas foram uma entrevista semiestruturada e a observação do participante, sendo adotada a técnica de amostragem por saturação. Foram incluídos no estudo pessoas de ambos os sexos, maiores de 18 anos e que fizessem uso da Libras como primeira língua.

A primeira etapa da coleta de dados se deu com a apresentação do projeto e seus objetivos para todos os membros da associação através de um vídeo gravado por um intérprete em libras, que foi previamente, enviado através do aplicativo de troca de mensagens WhatsApp no grupo da ASP. Posteriormente, foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por meio de um link, em formulário produzido no aplicativo Google Forms. Neste

formulário foi anexado o vídeo da intérprete traduzindo para o surdo o conteúdo do formulário, facilitando a compreensão do participante.

A segunda etapa se deu com a aplicação da entrevista semiestruturada que continha 14 perguntas abertas elaboradas sobre os aspectos psicossociais da vida do entrevistado. A comunicação foi mediada por uma intérprete garantindo-se o sigilo e transcrição fidedigna das respostas.

As entrevistas foram gravadas através dos aplicativos Zoom e Google Meet e transcritas na íntegra. Como garantia de anonimato, os nomes dos entrevistados foram substituídos por nomes de pessoas públicas que entraram na história da comunidade surda, para que suas identidades fossem preservadas, conforme compromisso ético estabelecido.

Os dados foram organizados e analisados seguindo-se a técnica de Bardin (2011) e categorizados em: Categoria 1: Dificuldades de comunicação encontradas ou exacerbadas durante a pandemia e meios utilizados para manutenção das relações sociais; Categoria 2: Covid-19 e comunicação a respeito do adoecimento por SARSCOV2; Categoria 3: Impactos psicológicos e sociais acarretados pela pandemia do COVID-19.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Integração do Sertão – FIS, tendo sido aprovada sob o parecer nº 5.078.715.

Análise e Discussão Dos Dados

Após a aplicação da entrevista com 10 (dez) indivíduos surdos residentes no município de Petrolina-PE, foi possível ordenar, analisar e debater os dados relacionados a essas pessoas. Seguindo-se a técnica de análise proposta por Bardin, pode-se categorizar os discursos, identificando as ideias centrais. A partir dessa análise conseguimos compreender a situação das pessoas surdas mediante ao atual cenário em que a sociedade está vivendo com as normas de prevenção contra a pandemia do Covid-19.

A confidencialidade estrita dos dados e respostas colhidas na entrevista foi pensada para garantir ao entrevistado a segurança de que nada do que for dito ou inferido será compartilhado de forma a identificá-lo (D'ESPINDOLA; FRANÇA, 2016). Para tanto será utilizado no lugar do nome dos entrevistados, alguns nomes de personalidades públicas famosas antigas e atuais que marcaram a história da comunidade surda, mantendo assim o sigilo e garantindo a não identificação do sujeito entrevistado.

Caracterização da amostra

A categoria 1 teve como objetivo analisar o perfil sociodemográfico afim de identificar fatores que possam influenciar as narrativas de cada um dos participantes. Os dados coletados foram referentes à idade, grau de escolaridade, religião, trabalho e renda familiar.

Tabela1: Faixa etária dos entrevistados

Faixa Etária	Valor absoluto
18-30 anos	1
31-50 anos	8
51-60 anos	-
Acima dos 61 anos	-
Não respondeu	1
Total	10

Fonte: Autores - Pesquisa Direta/2022

A tabela 1 mostra que a faixa etária de maior prevalência entre os entrevistados foram entre 31 e 50 anos, tal fato é um fator positivo para a pesquisa, pois subentende-se que indivíduos com uma idade mais avançada possui maiores experiências, enriquecendo a entrevista com diferentes situações e relatos mais abrangentes e fidedignos.

Segundo o último Censo do IBGE (2010) residem em Petrolina 286 pessoas que não conseguem de modo algum escutar dentre eles um total de 244 vivem na área urbana da cidade. Essa observação evidencia que ainda há muitos indivíduos no município que podem não ter uma representação social ou assistencial, estando muitas das situações reais diárias mascaradas ou desconhecidas pela sociedade e poder público. Outro ponto importante, é a dificuldade encontrada na própria condução da pesquisa com tal público.

Tabela 2: Grau de Escolaridade dos participantes do estudo

Grau de Escolaridade	Valor absoluto
Ensino Fundamental – Incompleto	-
Ensino Médio Incompleto	-
Ensino Médio Completo	3
Ensino Superior Incompleto	2

Ensino Superior Completo	3
Pós-graduação	2
Doutorado	-
Mestrado	-
Total	10

Fonte: Autores - Pesquisa Direta/2022

Quando se pensa na trajetória do surdo ao longo da história dentro da educação, sabe-se que inúmeras foram as barreiras para esses sujeitos obterem o direito de estudar. O congresso de Milão que aconteceu em 1880, marcou negativamente a história dessa comunidade pois proibiu o acesso da língua de sinais na educação dos surdos, incluindo-os nas pautas educacionais com o foco principal na reabilitação oral e não no uso da Libras (LACERDA; LODI, 2014). Percebeu-se que durante essa jornada a abordagem educacional baseada somente no oralismo prejudicava a evolução desse indivíduo uma vez que buscava através de práticas clínico-pedagógicas alcançar os padrões aceitáveis dos ouvintes daquela época. (LODI, 2004).

Dessa forma, a tabela 2 mostra o nível de escolaridade dos participantes, onde pode-se observar que todos os entrevistados da pesquisa possuem o ensino médio completo ou mais. Esse número reflete o maior acesso à educação pelas pessoas com deficiência, embora somente em 03 de agosto de 2021 ter sido sancionado a atualização da ‘Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996’, tal lei trata das Diretrizes e Bases da Educação. Os novos acréscimos garantem a educação bilíngue, com a libras como primeira língua e o português escrito como a segunda, garantindo que esse método pedagógico seja aplicado em qualquer ambiente escolar (BRASIL, 2021).

Tabela 3: Caracterização da religiosidade dos participantes do estudo

Religião	Valor absoluto
Católico	4
Evangélico	5
Ateu	1
Umbandista	-
Total	10

Fonte: Autores - Pesquisa Direta/2022

A tabela 3 trata da orientação religiosa dos entrevistados. Nota-se que 90% dos participantes da pesquisa fazem parte de algum grupo religioso, sendo os principais citados o protestantismo seguido logo após pelo catolicismo. Durante as entrevistas percebeu-se que a religião foi fonte de apoio para enfrentar a pandemia através de cultos e encontros no formato de vídeo-chamadas, como pode-se perceber nas seguintes falas:

“Temos utilizado muito a webcam para poder conversar e também participar de alguns cultos, as vezes eu uso o zoom mais para a igreja, para participar de uma escola dominical, para aprender a palavra de Deus, para assistir as pregações.” (Troy Kotsur)
 “A gente pede ajuda a Deus para podermos estar juntos, nos abraçando, eu gosto muito de estar perto e de abraçar as pessoas, mais por enquanto é remotamente.” (Marlee Matlin)

Segundo Koenig (2012) a religião que o indivíduo é praticante reflete significativamente na forma como ele conduz a sua vida e escolhas diárias. Vale também destacar que a espiritualidade tem papel fundamental na forma como o sujeito vive uma experiência feliz ou dolorosa. O ato de ressignificar situações difíceis na vida e agarrar-se a certeza de melhoras posteriores, influenciam diretamente na saúde e na qualidade da vida dessa comunidade religiosa.

Alguns levantamentos em saúde mental do início da pandemia do Covid-19 reforçaram a religiosidade e espiritualidade como um forte aliado para enfrentamento dos eventos estressantes que prejudicam a qualidade de vida. O impacto na saúde mental da população é ainda incerto quanto a sua dimensão, mas se sabe que as repercussões dessas mudanças refletirão posteriormente nas várias esferas da vida da sociedade (WANG, 2020).

Tabela 4: Vínculo empregatício e período da inserção no mercado de trabalho.

Trabalha	Valor absoluto
Sim	10
Antes da pandemia	7
Durante a pandemia	3
Não	-
Antes da pandemia	-
Durante a pandemia	-
Total	10

Fonte: Autores - Pesquisa Direta/2022

A tabela 4 coloca em evidência que todos os entrevistados possuem vínculo empregatício e em sua maioria foram inseridos no mercado de trabalho ainda antes do início da pandemia do Covid-19. Isso é reflexo de anos de luta da comunidade surda para que houvesse a inserção de vagas para essas pessoas no mercado de trabalho. A Lei nº 7.853/89 foi criada afim de garantir a integração de pessoas com deficiência dentro das grandes e médias empresas. Um avanço histórico que visa garantir os direitos básicos de todo cidadão como saúde, educação e trabalho (BRASIL, 1989).

No entanto, existe ainda muito preconceito enraizado na sociedade, associado com o capacitismo em torno da pessoa com deficiência (PDC). O reflexo disso é a dificuldade encontrada por esses indivíduos para inserção no mercado de trabalho. A lei nº 8.213/91, no seu artigo 93, trata das cotas para PCD dentro das empresas. Uma forma de inclusão para desmitificar a aura capacitista em torno de pessoas que possuem alguma deficiência é garantir os direitos que todo cidadão possui dentro da sociedade (PEREIRA, 2014).

Tabela 5: Principal meio da fonte de renda dos entrevistados da pesquisa.

Principal Fonte de Renda	Valor absoluto
Trabalho	8
Aposentadoria	-
Trabalho e Aposentadoria	2
Total	10

Fonte: Autores - Pesquisa Direta/2022

O quadro 5 mostra que a fonte de renda predominante desses entrevistados é originada do seu vínculo empregatício, é observado que em algum momento da vida desses indivíduos eles recebiam algum benefício social do governo, porém com o avanço da idade ou por outro motivo esse benefício foi suspenso, restando apenas o trabalho como mantenedor dos custos diários.

“Recebo do trabalho e aposentadoria do INSS 60% da aposentadoria em relação aos deficientes e o restante é do meu trabalho” (L’Epée)

“Então no passado eu tinha a aposentadoria e depois acabou, agora o meu salário é minha fonte de renda”. (Troy Kotsur)

“Do meu salário e mais a aposentadoria do benefício BPC.” (Charlotte Elizabeth Tonna)

A economia foi um dos setores mais prejudicados com o início da pandemia, estudos recentes mostram que os impactos negativos a médio e longo prazo serão significativos (COWLING; BROWN; ROCHA, 2020).

Dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), mostra que para garantirem uma renda, 43% da população surda trabalha em instituições privadas e 37% realizam trabalho autônomo. Embora novas pesquisas precisem ser coletadas para atualizar a base de dados e evidenciar um panorama mais consistentes, sabe-se que o impacto negativo da pandemia vai refletir nas novas porcentagens.

Tabela 6: Situação domiciliar dos participantes do estudo.

Ambiente Domiciliar	Valor absoluto
Moro sozinho	4
Moro com minha família	5
Moro com um(a) amigo(a)	1
Total	10

Fonte: Autores - Pesquisa Direta/2022

A pandemia do Covid-19 impactou as vivências sociais de forma inimaginável, o contato físico com membros da família e amigos precisou ser evitado devido as normas de prevenção que visavam a prevenção do adoecimento dos grupos mais vulneráveis e do colapso do Sistema Único de Saúde - SUS. Durante os relatos dos entrevistados observamos que alguns queixaram-se de que integrantes das famílias preferiram se isolar, buscando principalmente as zonas rurais como refúgio, conforme vemos nas falas:

“Eu e minha filha moramos juntas, minha família preferiu se isolar, foram para a roça no interior e eu fiquei aqui, infelizmente” (Marlee Matlin)
“Meu pai e minha mãe foram para Recife morar lá, agora só tá eu e meu cachorro. Mas eu me sinto bem.”. (Gertrude Ederle)

O trabalho eliciou duas categorias, extraídas das falas dos participantes: Categoria 1: Covid-19 e comunicação a respeito do adoecimento por SARSCOV2 e Categoria 2 : Impactos psicológicos e sociais acarretados pela pandemia do COVID-19. As mesmas foram submetidas a três professores com experiência na área, os quais confirmaram as categorias. As mesmas estão descritas na sequência.

Categoria 1: Covid-19 e comunicação a respeito do adoecimento por SARSCOV2

Buscou-se através da categoria 3 identificar os meios de comunicação usados pelos surdos para ficar informados acerca da Covid-19 pelo mundo, bem como a efetividade dessas informações. Além disso, buscou-se saber sobre as experiências de comunicação dentro dos serviços de saúde, quando necessário.

Observou-se que 4 (quatro) dos entrevistados souberam da pandemia através da televisão, 3 (três) foram informados sobre a situação que estava acontecendo no mundo dentro do ambiente de trabalho, 2 (dois) pela rede social Facebook e 1 (um) soube através da família.

“Eu soube pelo jornal nacional sobre a pandemia, depois também pelo WhatsApp.”
(Gallaudet)

“Através do facebook, eu li um texto relatando sobre a COVID-19, foi onde eu fiquei sabendo.” (L’Epée)

“Foi no meu trabalho que eu soube porque começou a ter a divulgação na televisão dos casos de COVID, eu fiquei bem assustada” (Ronice Müller de Quadros)

“Então quando começou em 2019 minha família me avisou, mas a princípio eu me assustei porque era algo que eu nunca tinha visto.” (Marlee Matlin)

Percebemos através das falas que a televisão teve o papel principal, direta ou indiretamente, na disseminação da notícia sobre o início da pandemia, reforçando-a como influente meio de comunicação em massa (LIMA, 2007).

Quando questionados sobre como eles buscavam informações para se manterem informados, citaram a TV como principal delas, mas também o WhatsApp e o Instagram encontravam-se entre os meios de comunicação em uso. Porém, quando questionada sobre efetividade de entendimento dessas informações foi percebido através das falas descontentamento devido à falta de acessibilidade.

“Então a televisão tem as informações, mas não tem a legenda (...) é muito oralismo, só explicando sem a interpretação das libras, então é difícil, eu utilizo mais o WhatsApp para poder me comunicar dentro dos grupos de WhatsApp.” (Gallaudet)

“Em relação as informações da prefeitura e do governo, tem sido difícil na acessibilidade, as vezes tem intérprete, mas com a janela muito pequena e não dá para entender, porque fica ruim de visualizar, não tem clareza, a gente não pode ficar com a cara na televisão.” (Karin Lilian Strobel)

A escrita do surdo é diferente da escrita do português, a estrutura das frases é de acordo com a língua de sinais. Devido a essa questão, uma das dificuldades relatadas pelos surdos ao

tentar se comunicar com pessoas ouvintes através do aplicativo de mensagens WhatsApp é a barreira da interpretação dos textos, tal dificuldade é menos encontrada na rede social Instagram devido a forma de interação dentro do aplicativo ser mais visual e por conter mais conteúdos em libras postados nas páginas de pessoas que fazem parte da comunidade surda.

“Eu uso o Instagram e também o WhatsApp para me manter informada. Eu acho que pelo Instagram é mais claro, o WhatsApp as vezes tem a parte da interpretação.” (Charlotte Elizabeth Tonna)

“...eu me mantenho informada pelas redes sociais, porque lá tem muitas páginas com libras (...) Lá é onde eu me informo mais, onde tem mais clareza para mim nas informações.” (Karin Lilian Strobel)

A pandemia trouxe com ela restrições de convívio presencial dificultando a comunicação dos surdos e evidenciando ainda mais a falta de acessibilidade, visto que essa comunidade vivencia as experiências de forma visual.

“Precisa ter informações melhores para os surdos, para ficar mais claro para nós. Somos visuais e precisamos de informações através da Libras, as vezes a gente fica triste porque só tem informação oral, mas nós não vamos escutar, falta acessibilidade, falta intérprete, falta muita coisa. O surdo precisa ser valorizado.” (Sueli Ramalho)

Assim percebemos alguns relatos sobre a preferência pelas redes sociais devido à maior diversidade garantida pelo inesgotável número de perfis dentro do aplicativo que garantem o mínimo de acessibilidade.

“Às vezes eu uso o Instagram para as informações. Algumas coisas eu entendo com clareza por causa da legenda, pois o surdo por ser visual acaba entendendo algumas coisas, e outras é mais difícil.” (Antônio Pitanga)

“Alguns surdos procuraram as redes sociais para ter ajuda, a tv muitas vezes não tem legenda, não tem acessibilidade, é culpa do intérprete? não, a culpa é das pessoas da área da comunicação que não pensa na inclusão do surdo.” (Karin Lilian Strobel)

Aliado a falta de acessibilidade e a dificuldade na interpretação dos textos uma outra barreira encontrada foi o reconhecimento das notícias falsas, as famosas “Fake News”. Diante de tantas informações disseminadas na mídia, buscar veracidade se tornou imprescindível para manter-se bem-informados por fontes confiáveis e não serem enganados com ideologias distorcidas da realidade. Um dos meios encontrados para driblar as Fake News e manter a comunidade surda informada com notícias verdadeiras foi a criação de grupos de intérpretes que passavam as informações oficiais sobre a pandemia.

“Eu comecei a ver algumas coisas, mas não compreendia direito o que estava acontecendo, da seriedade, do perigo que era a covid. Comecei a ver pelas redes

sociais, muitos acontecimentos aqui no Brasil. Então no período de ficar em casa os intérpretes criaram um grupo para ajudar nas informações para os surdos.” (Karin Lilian Strobel)

Quando questionados sobre terem se infectado pelo covid-19 durante a pandemia apenas 2 entrevistados relataram terem teste positivo. Os demais negaram terem contraído a doença e 2 relataram que tiveram sintomas gripais, porém decidiram não testar.

“Todos estavam com febre, fizeram o teste e deu positivo. Eu também estava muito quente com febre e entendi que eu já estava com Covid, porque como todos deram positivo o meu também seria positivo, então não fui fazer o teste, tentei me tratar sozinho em casa.” (L’Epée)

“Sempre que eu tinha algum sintoma e imaginava que era Covid eu acabava me calando, fui no médico e falei assim “oh estou com dor de barriga” com vergonha de dizer se estava com covid ou não.” (Antônio Pitanga)

As barreiras relacionadas a falta de acessibilidade vivenciados por surdos na assistência à saúde são problemas não solucionados que percorrem a trajetória de vida de quase toda a população surda. Serviços e profissionais da saúde não são preparados para minimizar as barreiras de comunicação de um paciente surdo, tais situações geram desconforto, frustração e falta de integralidade e resolutividade do problema desse paciente (SOUZA et al., 2017).

Com a chegada da Covid-19 as barreiras encontradas no serviço de saúde foram potencializadas e ao serem indagados sobre as experiências vivenciadas nesse contexto muitas falas refletiram a dificuldade, descontentamento e incertezas em ter que procurar os serviços de saúde devido a certeza que não encontrariam profissionais habilitados a se comunicarem em libras.

“Nas minhas experiências passadas na área da saúde, eu sempre tive dificuldade, quando eu estava grávida do meu primeiro filho tive muitas barreiras, eu não tinha muitas informações, como por exemplo, remédio, fazer exames, o pré-natal foi muito difícil, as enfermeiras não sabiam libras e tinha muita dificuldade e até hoje é assim.” (Sueli Ramalho)

“Eu peguei e senti dor no corpo, falta de paladar e cheiro, eu fiquei com muito medo, eu pensei “vou no médico”, mas pensei como vou me comunicar?” (Karin Lilian Strobel)

“Para o hospital eu não ia sozinha, eu sempre preciso levar alguém para poder me ajudar a ter essa comunicação, porque eu sozinha as pessoas não me entendem...” (Marlee Matlin)

Os surdos, na maioria das vezes, precisam usar de estratégias para que possam ser compreendidos, seja levando um acompanhante ouvinte seja escrevendo ou usando gestos e mímicas. Seja qual for a escolha desses meios constrange e fere a existência desses sujeitos,

pois eles precisam abrir mão de sua identidade linguística e muitas vezes de sua privacidade (CORREIA; FERREIRA, 2021).

“Hoje eu vou no hospital e os profissionais de saúde ainda tem dificuldade na comunicação e eu não tenho muita clareza nos que eles dizem, falta informação, falta explicação. Falta clareza para me explicar as coisas, como por exemplo eu tive diabetes na gravidez e tive dificuldade pois não me explicavam direito, eu tive um aborto quase morri.” (Sueli Ramalho)

“Eu tenho vontade que o médico saiba libras para conversar comigo sem ter um terceiro para tá fazendo o intermédio, eu queria muito que ele, o médico, olhasse para mim e perguntasse para mim mesmo, do que ficar indo com outra pessoa para interpretar.” (Ronice Müller de Quadros)

“Dentro da área da saúde, os profissionais precisam aprender Libras, porque tem muitos surdos que precisam de atendimento e falta acessibilidade, falta isso.” (Karin Lilian Strobel)

A acessibilidade precisa ser garantida dentro dos serviços públicos e privados de saúde, mas diante de uma pandemia a recomendação é somente se expor indo até um hospital ou outro serviço de saúde se necessário. Tal medida visa a diminuição das chances de se contaminar com a doença. Diante da necessidade os surdos não tinham outra escolha a não ser irem sozinhos, com parentes ou amigos, algo que torna a experiência ainda mais constrangedora e arriscada para ambos. Uma medida que foi adotada em vários lugares do Brasil durante esses anos de pandemia, visando a diminuição da barreira na comunicação foi a tradução remota com interpretes que garantiam uma consulta mais fidedigna e privativa para o paciente surdo (CORREIA; FERREIRA, 2021).

“Aqui em Petrolina durante a covid a comunidade de ouvinte intérpretes se uniram para passar as informações para os surdos, ajudando nas interpretações de médicos via web, então o surdo teve barreira mais conseguia passar as dificuldades.” (Karin Lilian Strobel)

Categoria 2 : Impactos psicológicos e sociais acarretados pela pandemia do COVID-19.

A categoria 2 trata dos impactos psicossociais acarretados pela pandemia, levando em consideração falas e expressões captadas durante as respostas dos entrevistados. Quando questionados sobre saúde mental e vida social durante o contexto da pandemia, 8 dos 10 entrevistados relataram algum tipo de sintoma físico ou psicológico ao longo desse período. Dentre os sintomas estão: dores de cabeça constantes, crise de ansiedade, insônia e depressão. Tais sintomas são consequências desencadeadas pelas incertezas e medos da pandemia.

A obrigatoriedade de isolamento, de uso de máscara e distanciamento aliado a desinformação e ao medo do desconhecido gerou nas pessoas um sentimento de medo. O surdo ainda teve o fator da falta de acessibilidade no repasse das informações sobre o que era a Covid-19 e qual a gravidade da doença, como também, a assistência de saúde clara e integral, quando necessário. Observamos nas falas a descrição de como foi o início da pandemia para eles.

“Eu tive crises de ansiedade porque houve muitas mudanças, fiquei doente com dores de cabeça constantes, não parava (...) não dormia direito e eu me perguntava “o que tá acontecendo comigo?” eu não sabia.” (Karin Lilian Strobel)

“Com a Covid-19 a gente aprendeu a se adaptar, a ficar dentro de casa, e eu acabei entrando em depressão profunda. Em 2020 comecei a fazer tratamento psicológico, ainda tenho depressão não sumiu totalmente. Faço tratamento psicológico e uso medicação”. (L'Épée)

“Quando eu vi pela televisão o que estava acontecendo pelo mundo todo eu arregalei meus olhos, deu um temor tão grande. Fiquei com muito medo e apreensivo, pois muitas pessoas estavam morrendo pelo mundo todo (...) fiquei muito triste, muito angustiado.” (Antônio Pitanga)

“Antes eu fiquei muito assustada. Eu via as pessoas morrendo, avisos para ficar em casa, para se cuidar, usar máscara, passar álcool (...) Eu tive muito medo.” (Charlotte Elizabeth Tonna)

Cada ser humano experimenta as dores e alegrias de forma individual, bem como reagem a situações estressantes de acordo com as experiências vividas ao longo da sua vida. A pandemia desencadeou transtornos mentais e psíquicos em muitas pessoas devido a experiência de medo da morte, do desconhecido e da incerteza do fim dela. Além disso, ela trouxe o luto pela perda de milhares de vidas, fossem elas parentes, amigos ou conhecidos. Tornou-se uma experiência traumática pois foi muito além do isolamento ou do uso de máscaras, ela afetou o convívio social, a economia do país refletindo na renda das pessoas e mudou totalmente a rotina de toda a sociedade (NOAL, 2020).

Considerações Finais

Quando falamos da comunidade surda, estamos falando de pessoas surdas, familiares ou amigos ouvintes, intérpretes e todos aqueles que estão inseridos no cotidiano dos surdos e assumem posição na defesa dos direitos dessas pessoas. Porém, devemos reforçar que as conquistas e avanços ao longo da história foram frutos da luta e protagonismo dos próprios surdos dentro da sociedade e merecem o mérito e a visibilidade por esses feitos.

As pessoas surdas constroem suas concepções de mundo através das experiências visuais vivenciadas ao longo da vida. Desde a infância esses sujeitos aprendem a lidar com a falta de acessibilidade devido a deficiência da sociedade em reconhecer e incentivar a importância de se aprender Libras.

A dificuldade do surdo em se comunicar com uma pessoa ouvinte que não sabe Libras não é uma novidade, desde os primórdios os surdos só conseguiam se comunicar entre si e entre o seu ciclo de pessoas mais próximas. Para se comunicar com pessoas que não sabem Libras, os surdos usam de estratégias de comunicação tais como mímicas, gestos caseiros e escrita para que estes ouvintes consigam entender a mensagem do surdo. Estas estratégias já eram utilizadas antes da pandemia do Covid-19, porém não resta dúvidas sobre a exacerbação dessa dificuldade em transmitir e entender uma mensagem em um diálogo entre um surdo e um ouvinte que não sabe Libras.

Por serem pessoas visuais a necessidade de ver a pessoa para poder se comunicar através de gestos, expressões faciais e corporais é uma necessidade para efetiva comunicação. Com a chegada da Pandemia do Covid-19 e as restrições devido as medidas de prevenção a comunicação entre os surdos e a sociedade ficou quase que impossibilitada. A tecnologia foi a principal aliada para manter as relações sociais e se informar sobre a situação mundial. Recursos de chamadas de vídeos, salas de bate-papo e *lives* possibilitaram as pessoas surdas a manterem a vida ativa.

O cenário de pandemia reforçou a importância da inserção da Libras na grade curricular desde a infância, visto que é a segunda língua oficial do País. Além disso, alertou a sociedade sobre a falta de capacitação dos profissionais da saúde para atender uma pessoa surda. Precisa-se criar estratégias que incentivem os profissionais da saúde a aprender a Libras para que haja qualidade no atendimento e minimize as barreiras que o surdo enfrenta quando procura um serviço de saúde.

Por fim, o levantamento de todas as informações desse estudo sobre o assunto em questão, é extremamente relevante para o entendimento de como a pessoa surda se sente enfrentando barreiras comunicacionais que podem ser minimizadas com o aprendizado da Libras. Além disso, possibilita aos profissionais que tiverem acesso a esse estudo traçar estratégias que possibilitem diminuir os constrangimentos impostos a essas pessoas no momento delicado de suas vidas que a fazem procurar os serviços de saúde.

Referências

AGUIAR, V. R. L.; MEDEIROS, C. M. Entrevistas na pesquisa social: O relato de um grupo de foco nas licenciaturas. **Congresso Nacional De Educação**, p. 9, 2009.

BARDIN, L.; **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENNET, B., & BERENSON, T. **À medida que o coronavírus se espalha, Trump se remodela como presidente de guerra**. Revista TIME. Editora Time inc, edição digital de 19 de março de 2020. Disponível em: <<https://time.com/5806657/donald-trump-coronavirus-war-china/>> Acesso em 12 de março de 2022.

BIERNATH, André. **A epidemia oculta: saúde mental na era da Covid-19**. *Revista Veja*. Editora Abril, Edição de 3 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/a-epidemia-oculta-saude-mental-na-era-da-covid-19/>> Acesso em: 10 de março de 2022.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF. Palácio do Planalto, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 04 de janeiro 2022.

BRASIL. **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF. Palácio do Planalto, 2005. Di. 2005.

BRASIL. **Lei n. 7.853, de 24 de outubro de 1989**. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social e dá outras providências. Brasília, DF. Palácio do Planalto, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17853.htm. Acesso em 09 de Fevereiro de 2022.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF. Palácio do Planalto, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 09 de Fevereiro de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Infantil - Saberes e práticas da inclusão. Dificuldades de comunicação e sinalização. Surdez**. Brasília-DF. 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo de Tratamento do Novo Coronavírus (2019-nCoV)**. Brasília-DF, 2020. v. 1 edição, p. 32, 2020.

CHODOSH, J.; WEINSTEIN, B. E.; BLUSTEIN, J. Face masks can be devastating for people with hearing loss. **The BMJ**, v. 360, n. July, p. 2683, 9 jul. 2020.

Correia LPF, Ferreira MA. Health care of deaf persons during coronavirus pandemics. **Rev Bras Enferm**. 2022; <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1036>.

COWLING, M., BROWN, R., & ROCHA, A. Did you save some cash for a rainy COVID-19 day? The crisis and SMEs. **Jornal Internacional de Pequenas Empresas: Pesquisando Empreendedorismo** 2020, v. 38(7) 593-604.

D'ESPINDOLA, T. S.; FRANÇA, B. H. S. **Aspectos éticos e bioéticos na entrevista em pesquisa: impacto na subjetividade**. Rev. bioét. 2016; 24 (3): 495-502.

FERREIRA, C. A. L. Pesquisa quantitativa e qualitativa: Perspectivas para o campo da educação. **Revista Mosaico**, v. 8, n. 2, p. 173–182, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001. v. 3

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico: Amostra - Pessoas com deficiência - Petrolina**. Pernambuco, 2020. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolina/pesquisa/23/23612>> Acesso em 22 de maio, 2021.

KAUARK, F. DA S.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

Koenig, H. G. **Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade**. Porto Alegre - RS, 2012.

KRAUSE, K.; KLEIN, A. F. Políticas Públicas para surdos: Os pontos legais e críticos na acessibilidade. V **Seminário Internacional de Direitos Humanos e Democracia**, v. 5, p. 1–13, 2015.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; LODI, Ana Claudia Balieiro. **A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos: princípios, breve histórico e perspectivas**. In: **Uma escola, duas línguas : letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais da escolarização**[S.l: s.n.], 2014.

LIMA, Venício. **Mídia: teoria e política**. 2. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2007

LODI, A. C. B. (2004). **A leitura como espaço discursivo de construção de sentidos: oficinas com surdos**. Tese (Doutorado de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 263. 2004

MENDES, A. M. Escuta e ressignificação do sofrimento: o uso de entrevista e análise categorial nas pesquisas em clínica do trabalho. **Anais Eletrônicos do II Congresso de Psicologia Organizacional e do Trabalho**., 2006.

MINAYO, M. C. DE S. AMOSTRAGEM E SATURAÇÃO EM PESQUISA QUALITATIVA: CONSENSOS E CONTROVÉRSIAS. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1–12, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. “**Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e Controvérsias**”, *Revista Pesquisa Qualitativa*. Vol. 5, no. 7: 1-12, 2017.

NOAL, Débora da Silva; PASSOS, Maria Fabiana Damasio; FREITAS, Carlos Machado de (org.). **Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19**. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz, 2020. 342 p.

PEREIRA, V. N. A. P. **Inclusão do Surdo no mercado de Trabalho**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa - PB, p. 41, 2014.

SOUZA, S. DE et al. Influência da cobertura da atenção básica no enfrentamento da COVID-19. **Journal Health NPEPS**, v. 6, n. 1, p. 1–21, 2021.

Souza MFNS, Araújo AMB, Sandes LF, Fonseca FDA, Soares WD, Vianna RS, et al. **Principais dificuldades e obstáculos enfrentados pela comunidade surda no acesso à saúde: uma revisão integrativa de literatura**. *Rev CEFAC*, vol. 19(3), p.395-405, 2017.

STEINBERG, A. G. et al. Health care system accessibility. **Journal of General Internal Medicine**, v. 21, n. 3, p. 260–266, mar. 2006.

VIANA, A. DOS S. **A Inserção dos Surdos no Mercado de Trabalho: Políticas Públicas, Práticas Organizacionais e Realidades Subjetivas**. 2010. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração) - Universidade do Grande Rio – “Prof. José da Silva Herdy”. Escola de Ciências Sociais Aplicadas, 2010.

WANG C, PAN R, WAN X, TAN Y, XU L, HO CS, et al. **Respostas psicológicas imediatas e fatores associados durante o estágio inicial da epidemia de doença de coronavírus de 2019 (COVID-19) entre a população geral na China**. *Revista Internacional de Pesquisa Ambiental e Saúde Pública*. 17(5):1729, 2020.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

ALENCAR, Francisca Silva de; ALBUQUERQUE, Luana Alinny de Oliveira; FRANÇA, Jessica de Oliveira; BELFORTE, Maira Oliveira; OLIVEIRA, Nicácia Souza; SILVA, Ronny de Tarso Alves e. **Repercussões da Pandemia do novo Coronavírus nos Sujeitos Surdos**. **Id on Line Rev. Psic.**, Dezembro/2022, vol.16, n.64, p. 287-305 ISSN: 1981-1179.

Recebido: 07/11/2022;

Aceito 26/11/2022;

Publicado em: 30/12/2022.